

CÍNTIA, A MUSA DE PROPÉRCIO

Maria Lúcia Silveira Rangel

Resumo: Estudo da personagem Cíntia, através da poesia elegíaca de Propércio: 1) personagem real ou fictícia? 2) paixão do Poeta – realidade ou recurso estilístico? Rápida menção de opiniões divergentes. Descrição da personagem pelo Poeta. Composição de um retrato: beleza física, habilidades (dança, música), tendências morais e psicológicas.

Visão do amor properciano: dignificação e eternização da heroína.

Os estudos atuais da lírica properciana centram suas pesquisas de preferência no texto, em busca da função poética, e consideram secundárias as informações biográficas sobre o Autor, num posicionamento diverso do da crítica tradicional, para a qual os dados de sua existência pesam como fatores de influência sobre a criação de sua obra.

Esta diretriz fica bem visível quando consultamos os mais modernos trabalhos sobre Propércio. Nas atas dos *Colloquia Propertiana* (Grimal 1978, 1983, 1984), sentimos a preocupação com o texto – sua interpretação, as influências de autores latinos e gregos sobre o Poeta, as particularidades de seu estilo – numa abordagem em que a obra é estudada em si mesma, através de seus valores e características, sem o apoio de dados biográficos.

Os motivos dessa posição dos estudiosos, pensamos, devem-se às dificuldades e incertezas da pesquisa sobre a vida do Poeta. Realmente, pouco sabemos a seu respeito além do que ele mesmo diz e de referências esparsas de contemporâneos seus. Muitas hipóteses são levantadas, mas nada fica bem provado. Os fatos de sua vida perdem-se no horizonte impreciso de dois milênios, restando dele, como prova inegável de sua existência, a pequena obra, ou seja, os quatro livros de elegias.

Se quisermos saber algo sobre Propércio, portanto, é sobre seus livros que nos devemos debruçar; é a partir deles que poderemos ter uma visão mais clara do Poeta, de sua personalidade, enfim, do homem Propércio.

Se encontramos todas essas dificuldades em relação à biografia do Poeta, o que poderemos dizer de Cíntia, sua musa inspiradora, a quem ele dedicou gran-

de parte de suas elegias? Nada se sabe sobre ela senão através do Poeta que a cantou, e de menções sucintas, por vezes ambíguas, de Ovídio (*Rem. am.* 763), Juvenal (VI 5) e Apuleio (*Apol.* 10).

Alguns estudiosos chegam a concluir que ela não viveu realmente, sendo uma personagem fictícia, criação poética de Propércio. Entre estes últimos situa-se Paul Veyne. Diz ele:

"Propércio repete mais ou menos freqüentemente o nome de Cíntia, mas o coração está longe, já que a verdadeira inspiradora de seus versos é apenas um tipo, ou mesmo vários. (...) "Corina" ou "Cíntia" são ficções tão mal sustentadas quanto o "eu" dos romances na primeira pessoa" (1985:96).

Como, porém, a finalidade de nosso trabalho não se baseia sobre a existência real ou não de Cíntia, deixemos de lado as opiniões divergentes dos estudiosos. Não nos detenhamos sobre o que alguns apontam como realmente sincero – certos pormenores, especialmente as cenas de intimidade amorosa, que parecem brotados de uma experiência vivida –; e sobre o que outros julgam mera criação literária – o emprego de temas e figuras de linguagem, também encontrados em Catulo, Tibulo e Ovídio, o que leva a supor apenas uma técnica de estilo.

Caminhemos ao encontro de nosso objetivo principal, qual seja, o de conseguir, através de pesquisas sobre o texto do Poeta, informações sobre Cíntia, uma vez que nosso trabalho se prende ao estudo dessa figura feminina que foi a musa inspiradora de Propércio, seja ela real ou fictícia. Estudemos Cíntia através desse documento único – as elegias de Propércio – e sistematizemos o que diz o Poeta sobre a amada.

Inicialmente, com uma curiosidade bem feminina (também porque julgamos, como Vinicius de Moraes, que a beleza é imprescindível), a pergunta que se nos impõe é: Cíntia era bela?

Propércio assim o afirma. Vejamos os termos que emprega para descrever a amada.

Usa o substantivo *forma*, no sentido de "beleza", por vezes acompanhado de adjetivos que lhe ampliam a significação: *forma potens* (II 5,28), "beleza poderosa", sugerindo uma beleza escultural, de formas clássicas, diz Boucher (1980:469); *candida forma* (II 29,30), "beleza radiosa"; *forma perennis* (III 10,18), "beleza eterna". Ou faz acompanhar o nome de um pronome, para ressaltá-lo: *haec forma* (I 4,12), "esta beleza"; *tua forma* (II 20,19), "tua beleza". Usa o adjetivo *formosa* às vezes no comparativo: *tam formosa* (II 28,2), "tão formosa"; *nulla est aeque formosa* (III 8,35), "ninguém é tão bonita"; *formosior* (II 29,25), "mais bela que".

Emprega também o substantivo *facies* no sentido de "beleza", acompanhado de adjetivos ou pronomes: *facies humana* (2,3), "beleza humana"; *hanc faciem* (II 2,15), "esta beleza".

Pulchra aparece como substantivo ou adjetivo: *pulchra sit in superis* (II 28B,50), "que uma bela permaneça na terra"; *pulchra puella* (II 26,21), "linda jovem"

Além desses nomes o Poeta assim a ela se refere: "depois de Helena esta beleza (Cíntia) volta à terra pela segunda vez" (II 3,32).

Propércio afirma, portanto, claramente que Cíntia era bela. E qual o aspecto físico de Cíntia?

Ouçamos o Poeta: era loura (II 2,5); os cabelos luzidios (III 10,14) caíam-lhe sobre o pescoço liso (II 3,13); as faces eram mais alvas que o lírios (3,10); os olhos, negros (12,23) e brilhantes (3,14), e os dedos ebúrneos (1,9). A voz era doce (I 12,6). Era de talhe elevado (II 2,6), e de espáduas tenras (III 6,14); os seios eram aprumados (II 15,21); os pés delicados (I 8,7) caminhavam suavemente (II 12,25).

Eis aí um retrato de corpo inteiro de Cíntia; através da descrição do Poeta – que usa uma coloração expressiva para conseguir maior realidade – ficamos conhecendo seu tipo físico; e este nos lembra o da Vênus de Botticelli – os mesmos cabelos louros enroscando-se em ondas pelo colo, o talhe esbelto, mãos e pés delicados, beleza perfeita e sensual, imortalizada pelo pintor.

O Poeta exalta igualmente as habilidades de Cíntia: tocava lira, rivalizando com Aganipe, ninfa do Permesseo (II 3,19); encantava com sua graça quando dançava (3,18); seus poemas nada ficavam a dever aos de Corina da Tânagra (3,19); lia os versos de Propércio (33,38); enfim, era uma *docta puella* (I 7,11; II 11,6; 13,11).

À medida que o Poeta prossegue na descrição de Cíntia, o esboço ganha contornos mais nítidos e aparece maior profundidade na personagem. No entanto, Cíntia, que Propércio compara às deusas, como veremos adiante, não era moralmente perfeita – o que não deve causar espanto, uma vez que os próprios deuses do Olimpo possuíam as mesmas imperfeições e fraquezas dos mortais.

Propércio critica, pois, em Cíntia: a vaidade exagerada, o amor ao luxo: "(...) e perdendo com o luxo comprado o pudor natural e o brilho puro de um corpo sem atavios?" (I 2,5-6); a dureza do coração: "Ela, no entanto, férrea, nunca disse: eu te amo" (II 8,12); a leviandade: "Tu, tão formosa, não tens pejo de ser leviana?" (II 5,29; I 15,1; II 16,26); os perjúrios: "Cessa agora de evocar teus perjúrios, Cíntia" (I 15,25); e, sobretudo, as infidelidades, que lhe causam grande sofrimento: "Mas tu, sacrílega, não pudeste ficar livre uma só noite, não pudeste ficar sozinha um único dia" (II 9,19-20).

Censura em Cíntia os passeios incessantes a Preneste, a Túsculo, a Tibur, suspeitando que neles se ocultam amores furtivos (II 32,17). O Poeta sofre a tal ponto com a conduta de Cíntia que chega a desejar a morte: "Amor, peço-te, atira as mais agudas setas, esforçando-te por ferir-me e livrar-me desta existência!" (II 9,38-9).

Cíntia parece-nos agora mais real, à medida que os defeitos lhe acentuam a fragilidade humana. O sofrimento do Poeta causado pelo comportamento leviano da amante reverte em maior verossimilhança para esta.

Por outro lado, no dizer de Propércio, Cíntia vinha de família respeitável; o Poeta refere-se a um antepassado da amada, chamando-o sábio (III 20,8). Segundo Apuleio, o verdadeiro nome de Cíntia era *Hóstia*; ela seria então descendente de *Hostius*, autor de *Bellum Histricum*. mas a maioria dos estudiosos, e entre eles Boucher (1980:460), pensa que o nome de Cíntia, com maior probabilidade, seria *Roscia* e ela teria tido por ancestral *Quintus Roscius Gallus*, ator e comediante brilhante, amigo de Cícero.

Um fato vem confirmar a posição social privilegiada de Cíntia: a educação cuidada que recebeu; lembremos que era musicista, poeta, literata. Além disso, rica; os indícios, Boucher, vai buscá-los no nível de vida caro e ostensivo que ela levava: sua morada, antiga mansão consular; suas jóias; suas inúmeras viagens; a posse de um carro (1980:445 et seqs), outro sinal de sua riqueza: a posse de escravas (III 6,15).

Portanto, bela, culta, bem-nascida, rica, Cíntia era uma figura de projeção na sociedade romana, o que a punha em evidência; por essa razão, suas ousadias de comportamento provocavam a maledicência, como bem frisa Propércio: "É verdade, então, Cíntia, que Roma inteira te comenta e não desconhece que vives na intemperança?" (II 5,1-2).

Apesar dos desajustes amorosos, apesar das críticas veementes às falhas morais da amada, o Poeta canta Cíntia, enaltecendo-a, dignificando-a entre as mulheres contemporâneas, elevando-a à categoria de uma heroína que se sobressai entre as demais musas inspiradoras, enfim, celebrizando-a através da mitologia.

Segundo alguns estudiosos, o pseudônimo literário – Cíntia – deriva de Apolo Cíntio, venerado no monte Cinto. Propércio o usa por associação, pois Cíntia, sendo poeta, participava das cerimônias das Musas. E "o pseudônimo tinha ainda por finalidade produzir uma transformação da mulher amada, torná-la mais gloriosa, coroá-la de um clarão particular; se Lésbia está adornada pelo brilho de Afrodite, as heroínas de inspiração apolínea participam do prestígio magnífico do coro das Musas; o pseudônimo transforma a mulher em heroína literária e reforça o mesmo princípio do emprego da mitologia: misturar ao real o mundo ideal da beleza" (Boucher 1980: 465-7).

Além de dar-lhe o nome *Cíntia*, que evoca as Musas, Propércio compara-a ainda a outras figuras mitológicas. Assim diz:

"Tu podes celebrar a beleza de Antíope, filha de Nicteu;
cantar louvores à espartana Hermíone e a todas as belezas de outrora;
comparadas a Cíntia elas perderiam sua fama!" (I 4,5-8);

"Lá podem vir em coro as formosas heroínas que a pilhagem de Tróia deu aos homens gregos; nenhuma delas poderá ser para mim, ó Cíntia, mais formosa que tu" (I 19,13);

"Por que essa beleza humana permanece na terra?" (II 2,3);

"Tu nasceste para ser a glória única entre as jovens romanas; serás a primeira romana a partilhar do leito de Júpiter" (II 3,29-30);

"Vênus é uma deusa invejosa das belezas que a ultrapassam" (II 18,10).

Enfim, inúmeras são as referências mitológicas de Propércio, comparando superlativamente sua amada. Eis, portanto, a mulher Cíntia, cantada por Propércio: ei-la, palpitante e viva, através das descrições do Poeta – formosa, rica e culta, mas também frívola e infiel. Tão humana nos parece a personagem que chegamos a vê-la, movimentando-se no ambiente descrito por Propércio – ora na intimidade do leito amoroso (I 3,21 et seqs; II 1, 13-4; 29,24), ora nos arredores de Roma (II 32,3-5), ora nos templos, oferecendo sacrifícios (II 32,9-10), ora ela mesma qual uma deusa.

Diante desta pesquisa feita sobre o texto de Propércio, através da qual procuramos revelar a personagem Cíntia, e que acabamos de expor (não sabemos se de modo convincente), impõem-se algumas indagações.

Será importante que Cíntia tenha vivido realmente? O fato de ela ter sido apenas uma criação literária de Propércio lhe diminui a profundidade e o brilho? Acaso a perenidade da fama de Cíntia decorre de sua existência real ou ela existe independente desse fato?

Julgamos que Propércio, através de suas elegias, faz de Cíntia uma personagem real: mais real que as suas contemporâneas ignoradas, que por acaso serviram de inspiração ao Poeta; mais real que nós, vivos, que sentimos o sangue em nossas veias, porque, enquanto somos transitórios, dentro de nosso anonimato, Cíntia é eterna – permanece indestrutível, através do tempo, imortalizada pela fama que lhe deu Propércio ao cantá-la como sua musa inspiradora. Com tanta excelência louvou ele Cíntia, com tanta pujança e tão grande estilo, que ela se impõe (criatura quem sabe fictícia) no mesmo nível de seu criador, tão viva e perene quanto ele. E sua celebridade durará pelo tempo vindouro, enquanto houver alguém que se debruce sobre as elegias do Poeta e verifique a realidade profética de suas palavras:

"Afortunada essa, se foi celebrada por minha pequena obra!
Minhas poesias serão tantos monumentos à tua beleza.
Pois nem os custos das Pirâmides, elevados até os astros,
Nem a morada de Júpiter Eliano feita à imagem do céu,
Nem a riqueza opulenta do túmulo de Mausolo
Escapam da condição final da morte;
Ou o fogo ou a água destróem sua beleza,
Ou a massa vencida ruirá ao peso dos golpes dos anos.
Mas um nome adquirido pelo talento desafiará o tempo:
A glória, para o gênio, permanece imortal" (III 2,17-26).

BIBLIOGRAFIA

I Obras especiais

BOUCHER, J.P. *Études sur Propérce*. Problèmes d'inspiration et d'art. Paris, Ed. de Boccard, 1980.

GRIMAL, P. *Colloquium Propertianum*. REL, Paris, LVI: 1978.

ID. *Colloquium Propertianum (secundum)*. REL, Paris, LX: 1983.

ID. *Colloquium Propertianum (tertium)*. REL, Paris, LXI: 1984.

VEYNE, P. *A elegia cróica em Roma*. São Paulo, Brasiliense, 1985.

II Texto

PROPERCE. *Élégies*. Paris, "Les Belles Lettres" 1970.

Resumê: Étude du personnage Cynthie dans la poésie élégiaque de Propérce. 1) personnage réel ou fictif? 2) passion du poète: réalité ou recours de style? Mention rapide des opinions divergentes. Description du personnage par le poète. Composition d'un portrait: la beauté physique, les habilités (la danse, la musique), les tendances morales et psychologiques. Vision amoureuse de Propérce: l'action de dignifier et d'éterniser l'heroïne.

SBD/FFLEH/USP	
SEÇÃO DE <i>Letras</i>	
AQUISIÇÃO <i>D</i>	DATA <i>28/11/95</i>